

**Os muros do Belo Jardim: Medo, individualismo e segregação socioespacial numa cidade pequena do interior do Brasil.**

**Avanço de pesquisa em Curso**

**GT 02 : Cidades da América Latina no Novo Milênio**

**José Adilson Filho**

Dr. em Sociologia (UEPB)

Prof. da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA)

Email: [adilsonfilho.clio@bol.com.br](mailto:adilsonfilho.clio@bol.com.br)

## **RESUMO**

**Este trabalho é o resultado de uma pesquisa em andamento sobre o processo de segregação espacial na cidade de Belo Jardim, interior do estado de Pernambuco (BR). Trata-se de analisar como a dificuldade da convivência com o diferente, o Outro, produz mal-estares e como isso contribui, em certa medida, para produzir o discurso do medo e da insegurança, mas também o da necessidade da paz, da tranquilidade e da privacidade do lar como elementos justificadores da prática da segregação e/ou autosegregação em relação aos considerados perigosos ou diferentes, mas também entre vizinhos com o mesmo perfil socioeconômico e cultural. Tais práticas e sentimentos segregacionistas atingem, sobretudo, as elites, mas terminam reverberando entre alguns segmentos das camadas populares.**

**PALAVRAS-CHAVE: Cidade do interior, segregação espacial, Nova Classe Média.**

## **Introdução**

Sob os auspícios do capitalismo globalizado, mal-estares de todos os tipos passaram a atingir as mais variadas paisagens sociais do planeta. A sensação de medo, incerteza e insegurança são vivenciadas de forma intensa e múltiplas, mas, muitas vezes compartilhadas da mesma forma por indivíduos e grupos sociais de diferentes geografias e culturas.

A compressão tempo-espço, conforme David Harvey (1994) caracterizada pela nova (des)ordem capitalista, isto é, pelo processo de globalização econômica, tecnológica e cultural expandiu alguns problemas que antes estavam circunscritos somente às grandes e médias cidades para as mais pequenas e distantes localidades. Num tempo marcado pela sociedade de consumo, pela internet, redes sociais e por intensas trocas comerciais e contatos interculturais, alguns problemas deixaram de ser locais para se tornarem globais. A questão ambiental, o consumo de drogas, o tráfico, os preconceitos, a prostituição, o terrorismo, a pobreza, a exclusão e a segregação sócio espacial tornaram-se questões, simultaneamente locais e globais.

Neste sentido, não podemos estudar a trama do local apenas pelo viés das suas idiossincrasias, das suas particularidades, mas apreendendo como elas passam a ser retroalimentadas e moldadas por processos externos, que estão geograficamente bem distantes da sua localização.

As questões que iremos analisar relativo a processos de segregação espacial na cidade de Belo Jardim, interior do estado de Pernambuco (Brasil) são trespassadas pela nova dinâmica do capitalismo e da modernidade num sentido mais global, mas também pelas mudanças econômicas e sociais vividas pela sociedade brasileira, nos últimos 12 anos que representam respectivamente os governos Lula/Dilma, e seus rebatimentos nas práticas e representações dos atores sociais em escala micrológica.

Neste contexto marcado por contradições e simultaneidades, determinados problemas, valores e práticas sociais, antes exclusivos de certos grupos e classes sociais deslocam-se do seu “habitat natural” para se infiltrarem no cotidiano de outros atores. Assim, alguns medos e preconceitos da burguesia e da classe média passam a ser internalizados e ressignificados por segmentos das camadas populares.

Nosso objetivo aqui é analisar os impactos deste processo capitalista nas práticas e representações da chamada Classe C, algo que emergiu com os avanços socioeconômicos advindas do desenvolvimento gerado pela economia e políticas públicas brasileira a partir de 2003. O foco é a cidade de Belo Jardim, mas principalmente o loteamento Viana Moura, criado sob os impulsos do Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal.

### **Cidade, Medo e Jardinagem : Discussão conceitual**

A cidade tem sido interpretada através das mais variadas linguagens, sendo as metáforas uma delas. Artistas, cientistas sociais e políticos cada vez mais se utilizam de alegorias e figuras para traduzir uma realidade que não é própria do seu objeto de significação. A cidade já foi metaforizada como corpo humano, organismo vivo, colmeia, ecossistema, texto, livro, etc. Neste nosso trabalho ela será pensada como um jardim, sendo os jardineiros aqueles que se auto intitulam sua “boa gente”, seus melhores cidadãos, enfim, as suas flores mais perfumadas e valiosas. Enquanto as ervas daninha, o lado vil do belo jardim, o resultado da jardinagem, isto é, da ação de podar, arrancar e limpar feita por seus jardineiros.

A ordem e a harmonia desejada por aqueles que pretendem ser os melhores e superiores da cidade-jardim prescinde fundamentalmente do uso sistemático do dispositivo da jardinagem, que neste caso, corresponde basicamente ao combate a dissonância, ao mal-estar, a mistura e a desordem causadas pelos atores estigmatizados como os “outsiders”, a “ralé”, a “mundiça”, “os perigosos”, as “almas sebosas” de qualquer realidade social. É contra esses causadores de mal-estares para elites ou gentes que se veem como os melhores e superiores que se justifica a ação da jardinagem, que alegoricamente corresponde a segregação socioespacial.

O sociólogo Zygmunt Bauman (199;22) afirma que “o horror à mistura gera a repulsa e a vontade de separação”. Numa época na qual recrudescem os individualismos amplia-se na mesma proporção a vontade de segregação e de exclusão do diferente. Trata-se do velho mal-estar produzido pela modernidade, o desconforto seguido de ansiedade, angústia, medo, insegurança causados pela

presença daquilo concebido como dissonância, incongruência ou um desvio a uma dada ordem de valores, sensibilidades e representações hierarquizadas.

A sociedade e o estado na modernidade, conforme Bauman, sempre exerceram práticas jardineiras, mediante o combate aos supostos produtores de mal-estares para as elites. O resultado dessa obsessão por ordem fez com que judeus, negros, índios, pobres, miseráveis, ciganos, homossexuais e loucos quando não excluídos e marginalizados fossem violentamente massacrados e exterminados. O holocausto dos judeus, os polgroons na Rússia czarista, a febre da eugenia ocidental e o higienismo social, dentre outros, expressam exemplarmente o horror à diferença do Outro. Todavia, essa problemática da convivência com o diferente é universal e atinge todos os espaços e culturas humanas. Sendo, portanto, possível estudá-la tanto numa perspectiva macro como micro, isto é, configurada em escalas diferentes tais como uma nação, uma cidade, uma comunidade ou simplesmente um beco mal afamado, como estudei na minha tese de doutoramento.

A metáfora da cidade como um jardim e a ideia de jardinagem social, usados aqui como ferramentas de interpretação das práticas e representações de determinados atores, na verdade, fora beneficiada pelo nome da cidade (objeto da pesquisa). A cidade chama-se Belo Jardim e tal nome nos fornece uma série de insights, de ideias e imagens que caem como uma luva para nossa interpretação, na medida em que tanto a coisa quanto o seu nome passam a manter certa correspondência com o sentido figurado que buscamos imprimir-lhe.

A escolha do nome da cidade como um belo jardim não é algo gratuito, ingênuo ou demasiadamente romântico. Quem a batizou com esse nome tão singular e expressivo, sabia no seu íntimo o tipo de cidade que gostaria de ver materializada. A ideia do Belo Jardim pode sugerir muitas coisas, muitas imagens e projetos. Sobretudo, quando somos instigados a pensar que foi a elite quem as nomeou assim. Pensando sob a lógica do interesse de classe, qual o tipo de cidade-jardim que almejavam burgueses, aristocratas e uma classe média, formada de médicos, advogados, bancários? Certamente não será a mesma da sua gente mais degradada pelo efeito das pobreza econômica, política e cultural.

Supomos que o Belo Jardim já contemplava no seu projeto tanto as flores quanto as ervas daninha. Pois uma coisa não existe sem a outra. O jardim representa a ordem e a harmonia que se supõe não existir com a presença de certas espécies de plantas e animais. O jardim é uma invenção humana que necessita de uma constante ação violenta, na qual consiste em observar, identificar e classificar para em seguida definir o que fica e o que deve ser aparado, eliminado ou controlado. O jardim é uma forma de organização racional que depende de controle e da violência.. Ele deseja ser harmonioso e ordenado num mundo que se faz pela mistura e entrelaçamento dos diferentes. Interpretar a cidade como jardim, significa principalmente apreendê-la sob a perspectiva da ordem e da desordem social.

### **A cidade de Belo Jardim: Uma flor com espinhos no agreste pernambucano (Brasil)**

A cidade de Belo Jardim está localizada no agreste central a uns 180 km do Recife, a capital do Estado de Pernambuco. Emancipada politicamente em 11 de setembro de 1928, essa cidade de quase 80 mil habitantes, tal quais outras do mesmo porte apresenta características parecidas, seja em termos sociais, políticos e econômicos. Todavia, suas singularidades chamam a atenção pela presença de um razoável parque industrial, responsável pela oferta de alguns milhares de empregos e forte consumo de energia, água e geração de impostos. Além disso, sua infraestrutura contempla vários bancos, um comércio diversificado, clínicas, hospital, estádio de futebol, clubes sociais, faculdades, instituto federal, escolas estaduais, municipais e privadas nos vários níveis de ensino.

Para uma cidade, que nos nossos termos é classificada como sendo de médio porte – a cidade de Belo Jardim pelo fato de estar localizada no interior do Estado e, portanto, distante dos serviços mais desejados, contempla, na medida do possível interessante estrutura o que a torna relativamente atraente para aqueles que vivem nela, assim como passa a exercer atração sobre os moradores das cidades circunvizinhas. Este poder de sedução contribuiu para exercer interna e externamente uma importante migração, cujo efeito consubstanciou-se num processo de urbanização, que ganhou densidade por volta das décadas de 1980 e 1990.

O processo de urbanização e o crescimento demográfico, ocorridos nas duas últimas décadas do século XXI contribuíram por sua vez para redesenhar o cenário urbano sob o prisma de um dualismo mais forte e intenso entre as noções de “boa” e a “má” cidade, de lugares “malditos” e “nobres”. Com a urbanização e o aumento da população emergiu também uma profusão de signos, ideias, estigmas, incertezas e mal-estares. A cidade ganhava novas formas e cores, novos sons e ruídos.

### **As Novas áreas da Jardinagem social do Belo Jardim.**

Os processos de segregação espacial seguem os princípios da jardinagem moderna, isto é, a necessidade que têm as elites de fugirem das indeterminações e ambiguidades geradas pelos (des)encontros com os indesejados. Livrar-se dessa situação desconfortante é o que tem provocado a invenção das chamadas “áreas nobres”. O discurso do medo, da busca de segurança, tranquilidade e paz, vem sendo usado sistematicamente para justificar a mixofobia das elites com relação à proximidade e vizinhança com os mais pobres da cidade.

Sendo um componente permanente da vida urbana, a presença perpétua e ubíqua de estranhos visíveis e próximos aumenta em grande medida a eterna incerteza das buscas existenciais de todos os habitantes. Essa presença, impossível de se evitar senão por breves momentos, é uma fonte de ansiedade inesgotável, assim como de uma agressividade geralmente adormecida, mas que volta e meia pode emergir. (BAUMAN, 2004: 129)

Contudo, a fonte desta “inesgotável ansiedade” não se aloja necessariamente no medo à presença “daninha” dos outsiders, mas deve-se, principalmente, à concepção individualista e higienista das próprias elites. Talvez seja esse o ponto nelvrágico da questão e que não aparece como fator principal. O problema maior é de quem tem medo de “cair nas armadilhas da ambivalência, evitando as misturas e as indefinições de uma realidade confusa”. Nesse caso, a mixofobia ao pobre e ao estranho explica o fechamento das elites à vida pública. Não importa o tamanho do sítio urbano, fugir ou desviar-se a qualquer custo da companhia indesejável dos mais pobres tem sido o principal desafio vivido pelas elites na contemporaneidade.

Na cidade de Belo Jardim, há duas décadas verifica-se um processo de deslocamento contínuo das elites locais (empresários, médicos, advogados, engenheiros, professores, funcionários públicos, etc.) para localidades mais distantes do centro urbano. O novo endereço da jardinagem local fica nas proximidades do Instituto Federal de Educação e

Tecnologia (IFE), da Autarquia Educacional de Belo Jardim (AEB) e nos arredores do Colégio Frei Cassiano de Comachio, do Colégio Bento Américo e da Fábrica de Acumuladores Moura. Conforme Adilson Filho (2009;113,114)

Habitar em tais localidades significa para a classe dos emergentes – professores, médicos, engenheiros, advogados, empresários, políticos e segmentos do funcionalismo público e privado – não apenas a possibilidade de ter mais paz e qualidade de vida, mas também e, principalmente, a chance de viver num espaço de semelhantes. O seu desejo de viver num *habitat* de iguais, pode ser interpretado como uma atitude eugenista e burguesa que se reflete no distanciamento físico e simbólico com relação aos contatos de primeiro grau com os indivíduos considerados diferentes e problemáticos.

A concepção estética presente na construção dessas moradias obedece a um processo que atualmente predomina nos grandes centros urbanos do Brasil. As casas e as ruas são projetadas para autossegregação dos seus próprios proprietários. Não se trata de áreas verticalizadas tais como blocos de apartamentos ou de condomínios fechados, mas de “casas grandes”, protegidas e isoladas por muros altos, cães e cercas elétricas. Essa é a concepção estética que marca as novas áreas de jardinagem, denominadas por seus moradores de “áreas nobres”.

José Geraldo de Sousa Couto, 54, nascido, no Recife, empresário do setor imobiliário, foi um dos primeiros a investir na venda de terrenos, em áreas próximas à AEB (Autarquia Educacional de Belo Jardim). Atuando há quase 20 anos nessa localidade, praticamente viu nascer o bairro da Boa Vista, o qual é atravessado pela Av. Cel. Antonio Marinho. Conforme o seu relato, o processo de ocupação espacial assume formas distintas entre os dois lados da Av. Cel. Antonio Marinho. Aqui chamarei de Lado A, a parte onde fica o escritório de vendas de lotes, isto é, à direita de quem vai à AEB. Neste lado, observa-se que o processo de apropriação espacial deu-se de modo mais heterogêneo, pois misturou na mesma área segmentos das chamadas classes A e B (médicos, advogados, empresários, engenheiros, professores universitários, etc.) e da classe C (operários, pedreiros, marceneiros, mecânicos, professores estaduais e municipais, militares, pequenos comerciantes).

A trampolinagem feita por vários compradores de lotes fora um dos aspectos responsáveis por essa heterogeneidade espaço-social. Segundo o empresário José Geraldo, os lotes vendidos tinham inicialmente o formato padrão de 12 metros de largura por 30 de comprimento. Porém, muitos compradores burlavam o contrato



dividindo o terreno adquirido em lotes menores para depois revendê-los. Assim, o que seria apenas uma residência transformava-se em duas.

As relações de parentesco facilitavam ainda mais a prática da trampolinagem, uma vez que a divisão do lote convencional em partes menores tinha por objetivo geralmente atender aos desejos dos pais em ver sua família vivendo junta. Esse modelo corresponde principalmente às famílias de trabalhadores e pequenos proprietários, cuja prole é ainda relativamente numerosa e, por conseguinte, estimula estilos de vida mais cooperativos.

Apesar de haver diferenças relativas à especialização, à qualificação profissional e ao *status quo* entre os membros das classes A, B e C do Lado A, existe entre eles alguns pontos em comum, como por exemplo:

a) o fato de todos eles fazerem parte da população economicamente ativa, ou seja, de estarem integrados ao mercado de trabalho, permite-lhes maior possibilidade de mobilidade social.

b) assumem comportamento típico de estabelecidos, isto é, das pessoas ou grupos que olham o seu lugar como o mais qualificado para se viver longe da presença de pessoas incômodas e indesejadas.

No entanto, tais aspectos comuns não ocultam as desigualdades e hierarquias. A dimensão das casas, o tamanho e altura dos muros e portões – tanto os diferencia como também os segrega espacialmente. A casa materializa vários diferenciais de poder, porque pode agrupar e sintetizar num só local os vários tipos de capital. Eles podem até ser vizinhos, mas estão socialmente distantes. O viver encastelado das classes A e B, inverte o conceito de sociedade, levando-nos a crer que os mais “integrados” socialmente são justamente aqueles que optaram por esse modelo de vida fechado e exclusivista.

O programa de financiamento da casa própria “Minha Casa Minha Vida”, do Governo Federal, tem aumentado consideravelmente a especulação imobiliária na cidade de Belo Jardim, principalmente no bairro da Boa Vista. Algumas pessoas têm-se especializado nesse negócio, primeiro comprando os lotes para construir casas para depois revendê-las a valores bem acima do mercado. Este é o caso de Marcos Batista, 45, tributarista, que mora há 12 anos na Rua João Barbosa Maciel, situado no Lado A da Av. Cel. Antonio Marinho. Segundo seu relato:

Há 12 anos tinha apenas umas 05 casas. Hoje tem mais de 50 casas. E os lotes vizinhos a sua casa foram todos vendidos. Tá todo mundo construindo neste bairro {...} Todas as casas são de grande porte, né? Os terrenos lá medem 12 por 30. Tem um valor elevado, acima de 35 mil reais. E hoje se você quiser comprar um terreno não tem na área da Boa Vista.

O preço de 35 mil reais em média de um lote, certamente não permite “todo mundo” residir no pedaço mais valorizado do Lado A do bairro da Boa Vista. Apenas aqueles que o Sr. Marcos define depois como membros “da classe média e da classe alta, isto é, os funcionários públicos de bancos e comerciantes”. A razão principal que leva as pessoas a migrarem para tal área é o fato do referido bairro ser considerado uma “área nobre”.

A população de Belo Jardim, hoje, tá saindo do foco do centro da cidade e se deslocando para o Boa Vista, que é um dos bairros mais nobres da cidade. É a tranquilidade, é o futuro de Belo Jardim que está crescendo para aqueles lados. E é por isso que se você quiser comprou alugar uma moradia lá, o preço é alto.

Mas o que há realmente de nobre nestes espaços, senão apenas o fato de ser a moradia de um grupo de pessoas que se vêem como estabelecidos? As novas áreas de jardinagem são constituídas em sua maioria por ruas esburacadas, desprovidas de calçamento, boa iluminação e, às vezes, até de saneamento básico.

Em algumas ruas existe saneamento, em outras não. Agora dinheiro pra isso tem, mas ninguém sabe pra onde vão os investimentos. A Prefeitura informa que para bairro de rico não tem dinheiro pra saneamento. Eles têm que cobrar por fora como se fosse uma rua particular. Você cobra ao morador para a Prefeitura entrar apenas com a mão-de-obra. Eu acho que isso não existe.

Nessas áreas, parte dos serviços urbanos como calçamento e segurança é feita em parceria com a Prefeitura. Mas o poder de pressão dessas elites tende futuramente a inverter essa realidade, forçando a Prefeitura local a suprir suas ruas de praticamente toda a infraestrutura urbana e serviços de que precisa. Principalmente porque a maioria dos representantes dos três poderes locais (prefeitos, ex-prefeitos, vereadores, juizes, promotores, advogados) mora nessas áreas. Os resultados desse poder de pressão já podem ser observados na infraestrutura de algumas ruas que compõem o Lado B do bairro da Boa Vista.

O Lado B da Av. Cel. Antonio Marinho<sup>1</sup> apresenta um processo de apropriação espacial mais homogêneo, na medida em que a venda dos terrenos seguem um padrão mais ou menos fixo. Os lotes vendidos geralmente seguem o tamanho padrão de 15 metros de largura por 30 metros de comprimento. São terrenos que dependendo da sua localização podem chegar a ser vendidos por até mais de 60 mil reais.

Como vimos, o novo percurso da jardinagem na cidade de Belo Jardim segue a direção da periferia urbana, porém, para transmutar-se em “áreas nobres”. O termo periferia no imaginário urbano emerge não somente como uma geografia distante, mas, também como uma realidade social precária. Daí a necessidade de adjetivação do lugar, de realçá-lo com cores e tons nobiliárquicos e/ou burgueses.

### **Jardinagem social entre os pobres: O caso da “Nova Classe Média”.**

A economia capitalista, na sua atual fase globalizada, produziu a partir da década de 1990, mudanças nas relações internacionais e nos perfis socioeconômicos e culturais das sociedades modernas. Tais mudanças afetariam a fisionomia das classes sociais tanto em termos quantitativos como qualitativos. Pois com os novos processos de inclusão e exclusão criados após a crise do modelo fordista, a incorporação de novos paradigmas de gestão, de novos processos produtivos, e claro, dos avanços e retrocessos econômicos e sociais de alguns países, resenharam-se as formas das classes sociais mediante o surgimento de novos atores com práticas, representações, valores, emoções e identidades, relativamente diferentes dos modelos clássicos de classe social, os quais, por exemplo, na recente realidade brasileira nos interpela a olhá-los com mais atenção e interesse.

Na última década deste século, os avanços sociais produzidos pelo crescimento econômico e pelas políticas sociais dos governos Lula/Dilma propiciaram a inserção de mais de 30 milhões de brasileiros no mercado de consumo. Boa parte destes atores é oriunda das camadas mais pobres da sociedade, ou seja, daqueles segmentos que antes estavam bem à margem do consumo de bens materiais e simbólicos desejados socialmente numa sociedade capitalista, tais como eletrodomésticos (televisores, geladeiras, celulares, fogões, computadores, micro-ondas etc), motos e carros e, logicamente a casa própria. A sua súbita chegada ao mercado, modificou significativamente a realidade social do país, na medida em que aumentaram tanto as

---

esperanças e o otimismo quanto as contradições e ambiguidades já presentes no âmago da sociedade brasileira. O que ela de fato é em termos de classe? Como se constituem sua percepção e ethos de classe? São questões difíceis e que precisam ser analisadas com mais profundidade e perspicácia, o que não poderemos fazer neste breve texto. A verdade é que a “chamada Classe C” não se enquadra no tipo da classe média tradicional, nem tampouco da classe operária ou da massa sobrando, os refugados da economia capitalista. O sociólogo Jessé Sousa (2012) define-a como “os Batalhadores”, ou seja, uma nova classe trabalhadora pelo fato de trazerem uma história de sofrimento e exploração típicas de quem ascendeu socialmente da condição de excluídos da cidadania básica, e continuam marcado pela intensa jornada de trabalho, e pouco acesso ao capital cultural e simbólico. Todavia, apresenta emoções, comportamentos, estilo de vida diferente do que chamou de “a ralé brasileira”, a parte mais empobrecida do Brasil, e da classe média. Trata-se, realmente, de algo novo, mas que também carrega consigo velhas tensões, medos e algumas atitudes que são típicas das classes sociais médias e dominantes.

Ainda faltam-nos muitos elementos sobre o comportamento social da chamada “Nova classe média”, mas a partir da relação “casa e rua”, das interações entre vizinhos podem-se perceber algumas mudanças no estilo de vida destes atores sociais que expressam características mais individualistas e segregacionistas. Algo que não era muito comum às práticas sociais das camadas populares, visto que as sociabilidades entre vizinhos eram mais diretas e intensas. O espaço público, ou seja, a rua era usada pelos moradores como uma extensão da casa, e não o seu oposto.

As casas das camadas populares sempre foram geminadas, parede com parede, no máximo com muros em torno de um metro e meio de altura na frente ou sem nenhum muro. Geralmente, uma calçada com batente na porta para propiciar a interessa entre o dentro e o fora, o contato com a rua e a conversa entre vizinhos no final da tarde ou mesmo durante a noite. Tais práticas e sociabilidades ainda existem em várias regiões do país. Porém, há décadas foi abandonada pelas classes médias e altas em prol de um estilo de vida mais fechado e exclusivista.

Tal realidade, paradoxalmente, emerge no cotidiano dos novos atores que compõe a chamada “Classe C” e que passaram a morar em alguns loteamentos financiados pelo “Programa Minha Casa Minha Vida” do governo federal. Na cidade de Belo Jardim, nos

últimos cinco anos, surgiu dois loteamentos, ambos estão localizados a mais ou menos um quilômetro da entrada principal e a dois do centro comercial. Cada qual fica numa das margens da rodovia BR 232 e estima-se que somem juntos mais de 700 casas. Os loteamentos foram construídos pela Construtora Viana e Moura e a maior parte das casas foram compradas com a ajuda financeira do Programa Minha Casa Minha Vida.

O modelo de moradia concebido pela empresa segue um certo padrão. São unidades com 50 metros quadrados, piso revestido com cerâmica, teto de gesso, terraço, dois quartos, sala, cozinha e um banheiro. Custando entre R\$ 25 mil e R\$ 28 mil, o público-alvo são famílias com renda mensal variando de 1,5 a três salários mínimos. “Não temos interesse em atuar com outra faixa de renda. Nosso produto foi pensado para esse cliente, que quer realizar o seu sonho de ter uma casa própria”, resume Pedro Ivo. (Jornal do Comércio, 10/12/2010)

O empresário Pedro Ivo, proprietário da construtora responsável pelas casas, argumenta que visava um público, cuja renda oscila entre 1,5 e 3 salários mínimos, que está justamente ligada a estes atores que conquistaram visibilidade e o interesse da política e do mercado. Como vimos existe um padrão para todas as casas construídas, embora não seja tão rígido como iremos perceber mais adiante, no que se refere ao tamanho. Sua padronização dá-se pela quantidade dos cômodos (quartos, cozinha, sala, banheiro e área). A casa era vendida, em valores de 2008 por 28 mil reais, sendo que o governo federal, mediante o referido programa financiava 13 mil reais, enquanto o restante passava ser dividido em parcelas mensais de acordo com as condições de cada comprador. Passados cinco e com o aumento da especulação imobiliária, as mesmas casas são compradas por mais de quarenta mil reais e algumas por até 60, em função de apresentarem espaço e cômodos maiores.

Contudo, o que mais chama atenção do observador seja o fato da maioria absoluta destas casas serem constituídas e separadas por muros muito altos. A construção do muro não faz parte do projeto da Construtora Viana e Moura, mas tornou-se uma necessidade fundamental para as pessoas que adquiram o imóvel, talvez até mais prioritário do que o calçamento e o saneamento básico. A construção do muro tem um impacto significativo no orçamento familiar, uma vez que uma parte dele já é destinada ao pagamento da mensalidade. O custo do muro pode chegar aos seis mil reais, sem falar no portão que dependendo do estilo pode encarecer ainda mais. Entretanto, após alguns esforços e negociações com os vizinhos consegue levantar o tão desejado muro. Para a Kátia Regina, 38, moradora da R. Luís Monteiro Senhorinho (a segunda a ser

construída), proprietária de um mercadinho, conta que a construção do muro “é relativamente alto e a casa termina ficando muito cara”. Porém, mesmo constatando isso ela não desistiu da ideia e terminou fazendo-o. Seu argumento para justificar a construção está baseado na necessidade de isolamento, de manter certa privacidade. “É bom porque fica todo mundo na sua casa. Às vezes a gente fica um pouquinho na rua. Mas o bom mesmo é cada um na sua própria casa”.

As justificativas para a escolha do muro alto, apesar do seu custo elevado para as pessoas daquela comunidade, variam desde a proteção contra a violência, a busca de mais privacidade até a ideia de paz e sossego. Ter a casa cercada por muros altos tornou-se uma necessidade padrão para todos moradores. Dona Gecina Santana, uma senhora de 80 anos, que se mudou da cidade de São Caetano – PE para Belo Jardim há dois anos é uma das poucas que ainda não tem muros, “porque não estou podendo no momento, mas tenho muito interesse. Pois a casa fica mais segura”, afirma. Mas quando perguntada se ali havia muita violência, diz que “até agora não vi nenhuma violência. Muito bom de morar, muito silêncio e paz”.

Enquanto Maria dos Anjos Costa Silva, 41, agricultora, proprietária de uma casa um pouco maior do que o padrão normal, adquirida há dois pelo valor de 60 mil reais, coloca o muro como uma fortaleza contra roubo do patrimônio, já que segunda ela “a maioria tem carros e motos. Além da segurança e privacidade familiar, pois já pensou as pessoas vendo a gente lavando roupa no quintal. É ótimo pela segurança, o sossego é grande”.

São três mulheres entrevistadas, o que significa dizer que a maioria dos que compõem a chamada “Nova Classe média” na realidade são “batalhadores” para usar a expressão de Jessé Souza, que acordam ao amanhecer para trabalhar e só voltam à noite ao lar, cansados e embrutecidos por longa jornada de labor. Certamente tal condição associada aos muros altos contribuam para reforçar a pouca interação entre vizinhos, levando-os in(voluntariamente) à autossegregação. Daí as frases sobre relação de vizinhança serem caracterizadas por discurso ambíguos;

– Conheço todos os meus vizinhos, são pessoas ótimas. Mas prefiro cada um em sua casa” (Kátia Regina)

“A maioria trabalha e somente se vê nos finais de semana. Durante as semanas saem pra trabalhar e ficam em casa. Mas não tenho o que

reclamar dos meus vizinhos. Adoro morar aqui, estou muito feliz e só saio daqui morta” ( Maria dos Anjos Costa Silva)

Como podemos constatar os entrevistados estão satisfeitos e felizes com a nova morada, sobretudo, por terem conquistado a casa própria e se livrado do aluguel. Tal conquista contribuiu para autoestima e logicamente para a sua cidadania, tornando-os mais exigentes com questões de infraestrutura, como calçamento, saneamento básico, iluminação elétrica e, também por proteção contra os acidentes provocados pelo trânsito, já que precisam atravessar a rodovia pra chegar ao centro da cidade. Contudo, estes “batalhadores”, conscientemente ou não, começam a quebrar entre si uma prática fundamental a vida social, que são as interações e sociaibidades entre vizinhos e as interfaces estabelecidas entre a casa e a rua. Seus argumentos para a constituição de uma vida mais segura e sossegada pode também significar a dificuldade de uma convivência mais aberta, direta e solidária com o outro. Guardada as devidas proporções pode caracterizar-se numa ação de jardinagem feita por uma classe social que se inseriu no mercado de consumo. Eu disse pode, porque ainda não temos elementos suficientes para produzir resultados mais consistentes. Mas o que temos observado e analisado se configura como uma realidade sociológica bastante instigante e deasafiadora .

## **BIBLIOGRAFIA**

ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada. Velhos e Novos cenários na política belo-jardinense.** Recife: Ed. Comunigraf, 2009.

\_\_\_\_\_ **Cidade e jardinagem: ambivalência sócioespacial, estigma e segregação na cidade do Belo Jardim – PE.** Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba em 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_ **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores. A nova classe trabalhadora do Brasil.** Belo horizonte: Humanitas, 2012.